

A CRISTOLOGIA DE JOSEPH RATZINGER NO LIVRO INTRODUÇÃO AO CRISTIANISMO

Pe. Basil Nortz, ORC

INTRODUÇÃO

Podemos distinguir duas fases no desenvolvimento da Cristologia do Papa Bento XVI. A fase inicial é encontrada na obra *Introdução ao Cristianismo* publicada em 1968³⁸. Essa mesma Cristologia também é encontrada em seu livro *Der Gott Jesu Christi: Betrachtungen über den Dreieinigen Gott (O Deus de Jesus Cristo: Reflexões sobre Deus Uno e Trino)*, publicado em 1978.

O desenvolvimento mais maduro da Cristologia é encontrado na coleção de conferências e artigos chamada *Schauen auf den Durchbohrten (Eis o Transpassado: uma Abordagem para uma Cristologia Espiritual)* que foi publicado em 1985. Este trabalho oferece uma série de teses básicas em relação a Cristo e à sua missão. Essas mesmas teses podem ser encontradas nos três volumes de *Jesus de Nazaré*, escritos pelo Papa Bento XVI, publicado nos anos 2007, 2011 e 2012. Ratzinger descreveu sua *Cristologia espiritual* nos seguintes termos: toda a Cristologia – o nosso falar de Cristo – é nada mais que a interpretação da sua oração: A pessoa inteira de Jesus está contida em sua oração.

No presente estudo, queremos considerar a Cristologia anterior de Ratzinger como é contida no livro *Introdução ao Cristianismo*. A seção deste livro que trata os artigos da fé a respeito de Cristo cobre mais de 130 páginas. Por esta razão, o nosso assunto vai se concentrar em apenas algumas das ideias apresentadas.

Neste livro, a investigação de Ratzinger não começa com uma análise daquilo que a Sagrada Escritura diz sobre Jesus, mas com o Credo dos Apóstolos – “Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor”. Seu ponto de partida é a profissão de fé da Igreja. Assim, ele afirma que o homem Jesus é o Cristo de Deus, o seu próprio Filho. Esta Cristologia foi desenvolvida para fortalecer a fé dos que creem em Cristo. A própria estrutura da *Introdução* revela isso. Ratzinger não começa sua

³⁸ JOSEPH RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, Preleções sobre o Símbolo Apostólico, Herder, São Paulo, 1970.

introdução ao cristianismo com Cristo. Em vez disso, ele começa com a natureza da fé. A fé em Cristo é o ponto de partida para a Cristologia de Ratzinger. Ele não vê Cristologia em termos dum conflito entre a Bíblia e o Creio. Para ele, esta é uma falsa dicotomia. O ponto de partida para a Cristologia é a fé da Igreja. É uma fé eclesial que dá origem tanto ao Novo Testamento como à profissão da fé.

Considerando-se que o seu modo de tratar o assunto é a forma de um comentário sobre o Credo dos Apóstolos, esperamos encontrar nesta exposição de Ratzinger sobre a Cristologia um material que possa servir à catequese hodierna.

A Cristologia Equilibrada

Se fosse necessário encontrar um título para Ratzinger como teólogo, o título "Doutor de Conciliação" seria muito apropriado. Esta é uma qualidade encontrada nas obras do Cardeal Ratzinger, em geral, e na *Introdução ao cristianismo* em particular. No que diz respeito à Cristologia, Ratzinger busca conciliar:

O Jesus da história	com	O Cristo de fé
O ser em Cristo	com	O agir em Cristo
A humanidade	com	A divindade
A teologia de Encarnação	com	A teologia da Cruz
O Logos	com	O Ágape

Porque a doutrina cristã é uma tentativa de explicar o mistério divino, deve consistir na tentativa de reunir verdades que, se examinadas superficialmente, podem parecer contraditórias. A tentação perene é aceitar uma e rejeitar a outra. Encontrar o "caminho estreito" que é capaz de combiná-los racionalmente é o maior desafio do teólogo. Ratzinger é um teólogo cuja capacidade de unir conceitos aparentemente díspares é profunda e digna de imitação. A explicação dada abaixo de sua aptidão de reconciliação, como demonstrado em sua Cristologia anterior, não é exaustiva.

Conciliar a compreensão da fé e da história

Para entender a necessidade de conciliar o Jesus da história com o Cristo da fé podemos olhar para uma explicação sumária do Cardeal Ratzinger sobre a teologia que cria essa distinção. Ratzinger se refere a esta posição como o clichê moderno do "Jesus histórico".

Seria preciso imaginar o Jesus histórico como uma espécie de mestre profético que surgiu na atmosfera escatológica e excitada do judaísmo tardio do seu tempo, anunciando a proximidade do reino de Deus de acordo com a situação escatológica excitante. Sua pregação, de início, era toda condicionada pelo tempo: Virá, em breve – agora o reino de Deus, o fim do mundo. Contudo, Jesus acentuava o "agora" de modo tão forte que o futuro condicionado não podia mais valer como o elemento decisivo aos olhos do observador mais atento. Este elemento só podia ser percebido no apelo à decisão – mesmo se o próprio Jesus não pensasse em um futuro, em reino de Deus: o homem torna-se todo comprometido com o presente, com o "agora" que irrompe cada vez... Depois, de uma maneira que não é mais possível esclarecer, surgiu a fé na ressurreição e a ideia de que ele voltaria a viver ou, pelo menos, de que ele significava alguma coisa. Paulatinamente, esta fé cresceu dando existência a outra ideia que gira em uma esfera semelhante: Jesus voltaria como Filho do homem ou Messias. O passo seguinte re-projetou essa esperança sobre o Jesus histórico, colocando-a nos seus lábios e reinterpretando-o de acordo. Passou-se então a declarar, como se ele pessoalmente se tivesse anunciado como o Filho do homem ou vindouro Messias. Em seguida – sempre dentro dos moldes do nosso clichê – a mensagem transferiu-se do mundo semita para o mundo helênico, o que trouxe consigo consideráveis consequências. No mundo judaico, Jesus era explicado mediante categorias judaicas (Filho de Deus, Messias). Tais categorias eram incompreensíveis para o mundo grego; portanto, lançou-se mão de modelos de representação helênicos. Em lugar dos esquemas judaicos de Filho do homem e de Messias, entraram as categorias helênicas de "homem divino" ou "homem-Deus" mediante as quais se tornou acessível a figura de Jesus.³⁹

A consequência dessa forma de ler a história do Evangelho com a lente do método histórico-crítico é que surgem duas pessoas distintas: o Jesus histórico que pregou o amor e o perdão, e o Cristo que foi inventado pelos primeiros seguidores de Jesus. É o Cristo que acabou por ser considerado um homem-divino. A fim de apoiar essa noção, milagres e profecias foram atribuídos a ele. Segundo esta teoria, as coisas extraordinárias não têm nenhuma base na realidade histórica. Nesse sentido, até mesmo

³⁹ Introdução, p. 169-71

a ressurreição é uma fabricação da comunidade primitiva dos cristãos como um meio de expressar sua fé que, de alguma forma, o Cristo continua a viver em seus corações e mentes.

Segundo Ratzinger, o método histórico-crítico tende a criar uma divisão irreal entre fé e história. “O historiador vê em tudo isso um quadro absurdo que, no entanto encontra hoje em dia multidões de adeptos.”⁴⁰ A tentação imediata, em face desta divisão, é abandonar a fé e confiar na história. Assim, a "escola" de Harnack idealiza a história. Ela é levada para fora do mundo da fé existencial.⁴¹ No outro extremo, a "escola" de Bultmann idealiza a fé. Ela é levada para fora do mundo da história existencial.⁴² Ficamos com um aparente dilema de sermos forçados a escolher entre o "Jesus da história" e o "Cristo da fé". Ratzinger afirma resolver esse dilema no Credo. Aqui, o "Cristo da fé", o Cristo em quem cremos, é o "Jesus da história", que foi concebido e nascido, sofreu e morreu, ressuscitou e ascendeu aos céus.

A conciliação entre o ser de Jesus e o seu agir

O primeiro passo em direção à conciliação da compreensão da fé e da história é a conciliação da compreensão do ser e do agir de Jesus Cristo. Ratzinger afirma que em Jesus Cristo não é possível distinguir entre a pessoa e seu cargo. Jesus é a sua palavra, e esta palavra é Jesus.⁴³ É por isso que, em primeira instância, a profissão de fé cristã não é um resumo dos ensinamentos de Jesus, mas um ato de fé em Jesus mesmo. “A pessoa de Jesus é sua doutrina e sua doutrina é Jesus mesmo. Portanto, fé cristã, isto é, fé em Jesus como o Cristo, é verdadeiramente *fé pessoal*.”⁴⁴ Em vez de oferecer um corpo de ensino, a profissão de fé é uma afirmação da pessoa que é sua palavra: “Creio em Jesus Cristo, seu único filho, nosso Senhor.”

A expressão propriamente dita desta fé é que não se pode distinguir cargo e pessoa naquele Jesus; esta diferença aplicada a Jesus não tem razão de ser. A pessoa *é* o cargo, o cargo *é* a pessoa. Ambos são inseparáveis: não existe uma esfera de restrição do que é pessoal, do "eu" que se conserva de algum modo fora da sua ação, podendo, portanto, também ficar "fora de ação". Não há nenhuma obra sua que seja um "eu" separado – o "eu" é a obra e a obra *é* o "eu".⁴⁵

⁴⁰ *Introdução*, p; 172;

⁴¹ *Introdução*, p. 157.

⁴² *Introdução*, p. 158.

⁴³ *Introdução*, p. 216.

⁴⁴ *Introdução*, p. 162.

⁴⁵ *Introdução*, p. 161.

Neste contexto, seguindo o pensamento de Karl Barth, Ratzinger destaca que os evangelistas mencionam detalhes da vida pessoal de Jesus, como por exemplo, o fato de que ele está com fome ou com sede, dormindo ou fazendo vigília, triste ou furioso, na medida em que estas coisas fazem parte da revelação sendo realizadas pela sua Pessoa. Tudo o que procede do seu ser está associado à sua tarefa divina. É neste sentido que ele conclui que existe uma unidade inseparável entre as duas palavras "Jesus Cristo." O que surge disso é a conclusão: "Neste sentido, realmente pode-se falar de uma 'teologia funcional': a existência inteira de Jesus é função do 'para nós', mas – por isto mesmo – a função é sua existência".⁴⁶

Esta expressão "para nós" é central na Cristologia de Ratzinger. Ele faz uma digressão na qual explica diversos conceitos fundamentais associados com a fé cristã. Nesta digressão ele dedica uma seção para explicar o conceito "para nós". Lá ele escreve: "No principal dos sacramentos cristãos, que forma o centro da liturgia, declara-se a existência de Jesus Cristo, como existência 'para muitos' e 'para vós', como existência aberta que cria e possibilita a comunicação de todos entre si pela comunicação nele."⁴⁷ O seguimento de Cristo, aceitando a cruz, envolve imitação de Jesus nesta mesma atitude de viver para os outros.

De acordo com isso, a opção cristã fundamental significa a aceitação do "ser-cristão", a abjuração da concentração sobre o "eu" e a adesão à existência de Jesus Cristo voltada para o todo. A mesma coisa está incluída no convite à sequela da cruz, que absolutamente não exprime uma devoção particular, mas está subordinada a um pensamento básico, a saber, que o homem, abandonando o isolamento e a tranquilidade do próprio "eu", saia de si para seguir ao crucificado e existir para os outros, mediante a crucificação do seu "eu".⁴⁸

Incluída na tendência de separar o "Jesus histórico", que (segundo os teólogos da escola histórico-crítico) pregou somente sobre o tema de amor e perdão, do "Cristo da fé" está a tendência a dar ênfase quase exclusiva ao "amor" ou à "fé".⁴⁹ Com a conciliação entre Jesus e o Cristo, segue-se uma união entre a fé e a caridade. A expressão da fé em Cristo é seguir Jesus em sua vida para os outros.

⁴⁶ *Introdução*, p.162.

⁴⁷ *Introdução*, p. 206.

⁴⁸ *Introdução*, p. 207.

⁴⁹ *Introdução*, p. 157.

Conciliar as teologias da Encarnação e da Cruz no Crucificado

A conciliação de fé e história, ser e agir, Logos e Ágape, tudo isso leva à conciliação final da teologia da Encarnação com a teologia da Cruz. No pensamento de Ratzinger, é necessária tal conciliação, já que a primeira tende para uma visão otimista estática, em que a importância do pecado e a necessidade de expiação são minimizadas e a futura deificação é enfatizada; enquanto a segunda tende a uma visão pessimista, em que a bondade do mundo é minimizada e a pecaminosidade humana enfatizada. A primeira fala do *ser* e gira em torno do fato de um homem *ser* Deus, com o que, simultaneamente, Deus é homem; este fato espantoso torna-se o elemento decisivo.⁵⁰ Todos os demais acontecimentos posteriores empalidecem diante deste acontecimento da identidade de homem e Deus, da Encarnação de Deus.

A teologia da cruz, ao contrário, não quer deter-se em semelhante ontologia; em vez disto, fala do acontecimento; segue o testemunho inicial que ainda não indagava sobre o *ser*, mas sobre o *agir* de Deus na cruz e na ressurreição, que venceu a morte, e comprovou Jesus como o Senhor e a esperança da humanidade.⁵¹

Ratzinger está bem ciente da dificuldade na reconciliação dessas duas abordagens para a Cristologia. Neste sentido, ele afirma:

Quem, de algum modo, conservar diante dos olhos estas duas grandes formas cristãs de autocompreensão, não se sentirá tentado a sínteses simplificadoras. Em ambas as formas estruturais básicas, teologia da Encarnação e da Cruz, estão delineadas polaridades as quais não se podem omitir, com vistas a uma simples síntese, sem que se perca o que ambas têm de decisivo; devem continuar presentes como polaridades que se corrigem mutuamente e somente permanecendo em sua relação mútua é que apontam para o conjunto.⁵²

Para Ratzinger, a chave para resolver a conciliação da teologia da Encarnação com a teologia da cruz está no Crucificado mesmo. É por isso que ele chama a Cruz de o "berço" da fé cristã. Para ele, a crucificação é o *locus* para o reconhecimento de que Jesus é o Cristo.

Constatamos com efeito que o *ser* de Cristo (teologia de encarnação!) é *actualitas*, é saída de si, êxodo; não é um ser a repousar em si, mas o ato do ser enviado, da filiação, do serviço. E vice-versa: esse agir não é mero agir, mas ser; desce às raízes do ser e identifica-se com ele. Esse ser é êxodo, transformação. Portanto, uma teologia do ser e da

⁵⁰ *Introdução*, 184

⁵¹ *Introdução*, p. 184

⁵² *Introdução*, p. 185.

encarnação bem compreendida forçosamente desembocará na teologia da cruz, tornando-se uma com ela; vice-versa, uma teologia da cruz, que avalie totalmente a sua dimensão, forçosamente se tornará teologia do Filho e do ser.⁵³

Ele acredita que esta é a base da Cristologia de João, e não simplesmente que Jesus é o Logos, mas que, no Evangelho de João, há uma identidade entre Logos e Ágape.

O Ômega da Cristologia de Ratzinger - deificação como hominização autêntica

O entendimento clássico dos Padres da Igreja do motivo da Encarnação é este – Deus se fez homem para que o homem pudesse tornar-se divino. Ratzinger concorda com esta posição, e tira a seguinte conclusão – deificação é verdadeira hominização. Jesus é o "último Adão", o "homem exemplar". Neste "homem exemplar", ser e agir, Logos e Ágape, Deus e homem se tornaram um. Este "homem exemplar" também é o Crucificado. Em sua doação total na cruz, Jesus foi além dos limites da humanidade. Na Cruz, Jesus aperfeiçoou a natureza humana:

O homem é homem pelo fato de chegar infinitamente para além de si, e, por conseguinte, é tanto mais homem quanto menos for fechado, limitado em si. Portanto – repitamo-lo – é homem ao máximo, e mais, o verdadeiro homem, aquele que for o mais "ilimitado", que não somente toque o infinito – o Infinito! – mas que seja um com ele: Jesus Cristo. Nele a meta da hominização foi verdadeiramente alcançada.⁵⁴

Ratzinger afirma que o homem sozinho nunca pode ser plenamente humano. Isso deve ser entendido não só individualmente, mas coletivamente. Em Jesus, duas fronteiras são abolidas: aquela entre Deus e o homem, e aquela entre as pessoas humanas individuais. Conforme Ratzinger, Jesus não poderia ser o 'homem exemplar' se ele fosse uma *exceção*.⁵⁵

Sendo Jesus o homem exemplar, no qual se revela plenamente a verdadeira figura do homem, e com ele a ideia de Deus, não pode, em tal caso, estar destinado a figurar como exceção absoluta, como uma curiosidade, em que Deus nos demonstra o que é possível. Em tal caso, a sua existência interessa à humanidade inteira.⁵⁶

⁵³ *Introdução*, p. 185.

⁵⁴ *Introdução*, p. 190.

⁵⁵ *Introdução*, p. 189.

⁵⁶ *Introdução*, p. 189.

Esta declaração tem dois sentidos. A primeira é que, no sentido individual, Jesus não pode ser o único homem individual que se tornou plenamente humano. A segunda é que, se ele continua a ser um indivíduo, ele não pode ser plenamente humano. Ratzinger apela ao fato que São Paulo identifica Cristo com *Adão*, e a humanidade redimida com o *corpo de Cristo*, a fim de explicar a *personalidade corporativa* de Cristo.⁵⁷ Toda a raça humana, ao ser “atraída” a Cristo (cfr. Jo 12,32) não permanece um conjunto de indivíduos isolados nele, mas é introduzida numa unidade de ágape trinitária, e, assim sendo inserida, cada pessoa humana individual se torna plenamente humana.

O foco de Ratzinger na deificação poderia levar a pensar que, apesar de sua tentativa de alcançar um equilíbrio entre a teologia da Encarnação e uma teologia da Cruz, ele acaba por se voltar para uma teologia da Encarnação - Deus se fez homem para que o homem pudesse tornar-se divino. No entanto, tal não é o caso. Isso ocorre porque o "homem exemplar" e sua missão são finalmente revelados no Crucificado, aquele que foi transpassado. A compreensão de Ratzinger da Cristologia de João leva à conclusão de que o clímax do retrato de Jesus no Evangelho de João é o relato do seu lado transpassado com uma lança. Para Ratzinger, esta imagem é a expressão máxima não só da doação completa de Jesus, mas também do desígnio de todas as pessoas humanas em união com Deus através da união com ele próprio, uma união que é também de todas as pessoas humanas entre si. Para Ratzinger, o Evangelho de João alcançou o equilíbrio entre o Verbo que se fez carne e que foi elevado, e Aquele que foi transpassado - entre uma teologia da Encarnação e uma teologia da cruz.⁵⁸

Com isso, Ratzinger conclui que esta reconciliação oferece uma revelação da perfeição da humanidade. Neste sentido, podemos compreender o verdadeiro objetivo da nossa vida.

O acontecimento da crucificação surge aí como um fato de abertura no qual as dispersas mônadas humanas são atraídas ao abraço de Jesus Cristo, para o vasto espaço dos seus braços abertos, para, mediante tal união, alcançar a sua meta, a meta da humanidade. Ora, sendo assim, Cristo, como o homem que há de vir, não é o homem para si, mas essencialmente homem para os outros, ele é o homem do futuro, exatamente por ser o homem completamente aberto. Então, o homem para si, que só deseja ficar em si, é o homem do passado que devemos deixar para trás a fim de avançar. Em outras palavras: o futuro do homem está em *ser-para*.⁵⁹

⁵⁷ *Introdução*, p. 190.

⁵⁸ *Introdução*, p. 195.

⁵⁹ *Introdução*, p. 194.

Conclusão: as perspectivas Cristológicas de Ratzinger aplicadas à catequese

São João Paulo II explicou a finalidade da catequese nestes termos:

A finalidade da catequese, no conjunto da evangelização, é a de construir a fase de ensino e de ajuda à maturação do cristão que, depois de ter aceitado pela fé a Pessoa de Jesus Cristo como único Senhor e após ter-Lhe dado uma adesão global, por uma sincera conversão do coração, se esforça por melhor conhecer o mesmo Jesus Cristo, ao qual se entregou: conhecer o seu “mistério”, o Reino de Deus que Ele anunciou, as exigências e promessas contidas na sua mensagem evangélica e os caminhos que Ele traçou para todos aqueles que O querem seguir.⁶⁰

A cultura moderna coloca vários desafios para a plena aceitação da verdade do Evangelho e para se viver essa mesma verdade. Quanto ao trabalho de “melhor conhecer o mesmo Jesus Cristo”, existe o desafio posto pelo positivismo, que questiona a possibilidade de conciliar a fé com o conhecimento histórico e científico. Ratzinger oferece uma resposta que leva a sério as alegações da história e da ciência, ao defender a razoabilidade da fé.

Quanto a tarefa de ensinar “as exigências contidas na sua mensagem”, há o desafio colocado pela revolução sexual, que exalta a liberdade individual e a busca da gratificação individual acima das obrigações sociais e familiares. A atitude que dá direito aos homens de se afastar de qualquer relacionamento que coloca demandas legítimas que eles não querem cumprir cultiva um egoísmo em completa oposição à mensagem do Evangelho. Individualismo exagerado e a exaltação da liberdade humana como bem maior e mais precioso do homem, constitui a maior parte da cultura moderna. Neste sentido, a catequese deve preocupar-se não só com ensinamento de que Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Deve preocupar-se ainda mais hoje com a consequência deste ensinamento: que só podemos tornar-nos verdadeiros homens quando estamos dispostos a viver um para o outro. Aqui vemos que Ratzinger oferece uma visão profunda que tem grande relevância na sociedade contemporânea.

⁶⁰ Papa S. João Paulo II, *Catechesi tradendae*, 19.

Perguntas de reflexão:

1. Quais são os elementos de apresentação de Ratzinger de cristologia que podem ser úteis para catequese doutrinária?
2. Quais são os elementos de apresentação de Ratzinger de cristologia que podem ser úteis para catequese moral e espiritual?
3. Qual método catequético poderia servir para transmitir a cristologia de Ratzinger?